

DESAFOGO
SAUDOSO,
QUE

Na preciosa morte, e sentidissimo transito do sempre Augusto, Fidelissimo, e Magnifico

REY DE PORTUGAL
D. JOÃO V.

Sucedido a 31. de Julho do presente anno de 1750.

Offerece, e dedica à sua immortal, e eterna memoria

O PADRE
DOROTHEO QUARESMA
PENICHENSE,

P. Theodoro Franco
Que expondo-o à luz publica por petição de hum amigo, lhe dá prévia, e cabal noticia do feliz transito, e enterro deste incomparavel Monarca.



LISBOA,

Na Officina de MIGUEL MANESCAL DA COSTA,
Impressor do Santo Officio. Anno 1750.

Com todas as licenças necessarias.



ADDITIONAL

LIBRARY

UNIVERSITY OF TORONTO

LIBRARY

UNIVERSITY OF TORONTO

1877



PREVIA NOTICIA,

Que o Author do *Desafogo Saudoso* dá por resposta a hum seu amigo , que da Praça de Peniche lhe pedia huma Relação do feliz transito , e enterro do nosso Fidelissimo Monarca

D. JOÃO V.



EU amigo , e fenhor. Nesta sua , que recebo , me pede V. M. individual noticia da feliz morte , e enterro do nosso Inclyto , e Fidelissimo Monarca ; e como sei que todo esse Povo estará justamente magoado , por ter sido hum dos em que S. Magestade Fidelissima se dignou por vezes pôr os seus piedosos olhos , soccorrendo-o com

paternaes subsidios nos tempos da mayor calamidade , e chegando a expressar o quanto se condoia da manifesta tribulação dessa sua amada Península , que elle antigamente honrou com a sua Real presença , dilatando-se na aprazivel vista da sua situação , fortaleza , e formoso Templo de São Pedro , fiz diligencia por descubrir Relação impressa de tudo o succedido na sua preciosa morte , e enterro , para enviar a V. M. e para que de algum modo servisse de lenitivo à grande saudade , que considero nesse Povo , cujas lagrymas ajudarão a fazer mais crecido o pranto geral de todo o Reino. Como porèm não achei tivesse ainda sahido à luz publica Relação exacta , nem obra comeste assumpto , digno , certamente , de apuradas , e discretas pennas , me resolvi , com a possivel brevidade , a dar a V. M. neste papel , com estylo menos culto , a noticia , que me pede , remettendo-lhe juntamente esse *Desafogo Saudoso* , que , sem eu ser alumno do Parnaso , nem saber o nome às Mufas , e muito menos os preceitos da Poesia , me attrevi a compôr nesse *Soneto* , e *Epitafio* , que exponho ao juizo critico , por fazer neste pequeno obsequio huma lúgubre consonancia aos sentidos ays da nossa Patria.

Supponho que V. M. já terá plena noticia do principio , e progressos da penosa enfermidade do nosso *Soberano* , cuja vida se teve por milagrosamente conservada nestes ultimos oito annos entre as funestas invasões de hum cruel mal , que repetidas vezes o poz quasi deplorado , vendo-se outras tantas restituído por amoroso beneficio da que he

Saude dos enfermos, M A R I A Santissima, com o titulo especial de *N. Senhora das Necessidades*, cuja prodigiosa Imagem conservou Sua Magestade Fidelissima com ternissima devoção no seu Palacio por todos os oito annos desde o primeiro affalto do seu mal, em que, por particular favor, e mercê da mesma Senhora, experimentou o seu primeiro movimento, mandando-lhe desde logo com agradecido animo, a expensas generosas da sua Real magnificencia, reformar o seu antigo Templo sito nas vizinhanças de Alcantara, e erigir edificio junto ao mesmo Templo para o seu commodo, e o das Pessoas Reaes nas occasiões, em que, segundo o seu devoto costume, visitassem aquelle milagroso Simulacro; além de mandar fabricar no mesmo sitio o Real Hospicio, e nova Casa de Oração, e de estudos geraes, e privilegiados em utilidade espirital, e temporal de todas aquellas vizinhanças, dotando, e doando com Regia grandeza a mesma Casa, e Hospicio Real aos Reverendos Padres da Congregação do Oratorio, que, por gostosa insinuação de Sua Magestade Fidelissima, começarão nelle a vida Regular neste anno a 7. de Mayo, dia da Ascensão gloriosa de Christo Senhor nosso, comprazendo-se muito S. Magestade no fructo, que em gloria de Deos resultava da nova habitação dos mesmos Reverendos Padres da Congregação do Oratorio, a quem desde os seus primeiros annos, imitando a seus Reaes Progenitores, mostrou sempre especial inclinação, e desejo de que se propagasse o seu santo, e proficuo Instituto, desafogando o seu Real affecto em notorias expressões, e na

grandeza de continuadas honras, e beneficios, que os mesmos Reverendos Padres confissão, e agradecidos publicação.

Chegando porém o mesmo mal a cobrar novas forças no principio de Julho deste anno, tendo S. Magestade Fidelissima cheio os passados de merecimentos nas indiziveis esmolas, que fazia, publicas, e particulares: nos grandes exemplos, e defenganos, que dava: nos actos fervorosos, e repetidas confissões, que fazia: nas continuadas devoções, e Novenas, em que, ainda no tempo de enfermo, se exercitava: nas Missas, que com tanto respeito, e reverencia ouvia, além das que com incrível profusão mandava dizer: e finalmente na inalteravel paciencia, com que, prezo da mão de Deos pelo seu achaque, vivia resignado nas disposições Divinas, sem faltar ao que podia nos despachos; obedecendo ao irrevogavel decreto, e estatuto da morte, se dispoz para a recepção dos ultimos Sacramentos; e mandando-se compor com o mesmo aßeio, e compostura, com que sempre assistio ao tremendo sacrificio do Altar, entre exemplares actos, e ternissimos colloquios, que proferia, e desafiavão as lagrymas dos circumstantes, se fortaleceo aos 11. do dito mez com o Santissimo Viatico, que recebeo da mão do seu Capellão Mór, o Eminentissimo, e Reverendissimo Senhor Cardinal Patriarca.

Continuavão-se neste tempo as preces publicas, as penitencias, e Procissões com Imagens devotissimas, e continuava tambem a Corte, e os Eminentissimos Cardeaes as visitas, e assistencias de

de Palacio; e repetindo o mal os ataques com mais crecido vigor, recebeu S. Magestade aos 29. do mesmo mez pelas onze horas da noite a Extrema-Unção dada pelo mesmo Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarca, estando S. Magestade Fidelissima em seu perfeito accordo, pedindo o absolvessem todos os Sacerdotes, que presentes se achassem: e com effeito foy absolvido pelo Eminentissimo, e Reverendissimo Senhor Cardeal Patriarca, e pelo Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Nuncio Apostolico destes Reinos, não lhe faltando a ultima absolvição Papal do Carmo, que lhe conferio o Reverendissimo Padre Provincial da mesma Ordem, e a de todos os mais RR. PP. e Commissarios de outras, de quem era Terceiro, assistindo sempre a tudo com heroico animo, e passosa constancia a Augustissima Senhora Rainha. Deo S. Magestade Fidelissima santos, e paternaes documentos ao Serenissimo Principe nosso Senhor, e entre elles o da conservação da paz, devoção de MARIA Santissima, e perfeição, e asseyo do que tocasse ao culto Divino.

Não podendo já a natureza enfraquecida sustentar-se nas resistencias de tão grande mal, entrou ElRey nosso Senhor em agonia, repetindo-lhe o Reverendo Padre Mestre Domingos Pereira, da Congregação do Oratorio, além dos actos, o particular Officio daquella hora, a que respondião as Pelloas Reaes, e o Reverendo Padre Mestre José Moreira, da Sagrada Companhia de JESUS, e mais Padres, que alli assistião. Entre estas preces, e actos pios, que se fazião, mandou a Augustissi-

ma Senhora Rainha ao Reverendo Padre Domingos Pereira rezasse huma Ladainha diante da Imagem milagrosa da *Senhora das Necessidades*, que presente estava, e continuando-se a Ladainha, em quanto outros sagrados Ministros acudião com os precisos socorros daquella tremenda hora, e o R. P. M. Jacyntho da Costa, da Companhia de JESUS, fervorosamente proseguia com os actos necessarios naquelle apertado transe, pegou a Augustissima Senhora Rainha em huma véla com benção, e virtude especial para o mesmo transe; e mettendo-a na mão a S. Magestade Fidelissima, se lhe continuárão os actos, entre os quaes, resignado o bem disposto Monarca na vontade de seu Deos, lhe entregou com summo focego o espirito pelas sete horas, e cinco minutos da tarde saudosa, e memoravel de 31. de Julho de 1750. entre as lagrymas, e sentimento de todos os circunstantes, tendo de idade sessenta annos, nove mezes, e oito dias, e de reinado quarenta e trez annos, sete mezes, e vinte e hum dias. Ficou seu Real aspecto tão bem afigurado, alegre, e magestoso, que mais parecia vivo, do que morto, sendo talvez reflexos do exuberante gozo de sua ditosa alma, que, segundo a fé humana, e o que devemos sentir da Piedade Divina, he das que Deos predestinou para a eterna coroa.

Embalsamado o defunto corpo de S. Magestade Fidelissima, e disposto o necessario, no primeiro de Agosto lhe vestirão por sua devoção o habito do glorioso Patriarca, e Pay dos pobres S. Francisco, de quem era Terceiro, levando por cima a vestidura de Cavalleiro com o manto de Grão
Mef-

Mestre das Ordens Militares, e assim esteve em publico na sua Camera Real exposto às pessoas de distincção, e Prelados, que entravão a beijar-lhe a mão, e a deitar-lhe agua benta, notando todos de caminho a magestosa alegria, e formosura do Real semblante do nosso defunto Monarca. Em dous de Agosto foy conduzido o defunto corpo para huma grande sala do Palacio do quarto novo na fôrma do estylo, e no dia trez do dito mez, que cahio em segunda feira dedicada às Almas Santas, que tão interessadas forão na vida deste seu grande Devoto, e incomparavel Bemfeitor, lhe fez na mesma sala o Eminentissimo, e Reverendissimo Senhor Cardeal Patriarca com assistencia dos Excellentissimos Senhores Principaes, e dos Ministros, e Musicos da Santa Igreja Patriarcal o Officio solemne de corpo presente, estando na mesma manhã desse dia fazendo-lhe solemniſsimas exequias com Oração funebre os Religiosos Arrabidos no magnifico, e famoso Templo de Mafra, que o nosso defunto Monarca com tanto empenho, e grandeza mandára fabricar com o sumptuoso, e magestosissimo edificio dos Palacios, e Convento, que o acompanhão.

Continuárão-se por todos estes trez dias os tristes finaes de todos os finos desta Cidade, e ouvião-se entre espaços de tempo os funestos estampidos da artelharia das Torres, e navios furtos na barra, quando nos corações Reaes, e nos de toda a Corte estava reconcentrado o sentimento, a dor, e a faudade. Nesta mesma tarde de trez de Agosto forão as Communidades todas, tanto seculares, como Regulares (e ainda as izentas de acompanh

nharem enterros) encommendar a Deos a alma de S. Magestade Fidelissima , e todos com cirios vierão buscar as paragens designadas para esperar o corpo , formando , alè m da Milicia , duas alas continuadas por todas as ruas , por onde havia de passar o enterro , e pompa funeral.

Erão já nove horas da noite de trez de Agosto , quando disposto tudo para sahir o corpo de Palacio , lhe forão as Pelloas Reaes lançar agua benta ; e levando a chave do caixão o Illustrissimo , e Excellentissimo Senhor Marquez Mordomo Mór , pegarão nas argolas do caixão o Senhor D. João , os Illustrissimos , e Excellentissimos Senhores Marquezes das Minas , de Alegrete , de Angeja , do Lourical , de Valença , e Penalva , e o Illustrissimo , e Excellentissimo Senhor Conde de S. Miguel , e o forão conduzindo para o claustro da Santa Igreja Patriarcal , vindo ElRey nosso Senhor , que Deos guarde , acompanhando o caixão com os Serenissimos Senhores Infantes , Irmão , e Tios , atè o tumulto , aonde , feitas as ultimas cortezias , se retirarão para Palacio justamente sentidos , e faudosos.

A ordem , que se observou no acompanhamento , que com apertado luto precedia a cavallo , e formava este funebre apparatus , era esta : Em primeiro lugar seis Porteiros da Cana do numero : dous Corregedores da Corte : os Presidentes dos Tribunaes , a que precedião todos os Titulos , e Fidalgos , que tem officio na Casa Real , com suas insignias , e todos os Grandes : o Illustrissimo , e Excellentissimo Senhor Duque Regedor das Justiças

ças com o seu bastão: os Cantores, Capellães, Beneficiados, e Conegos da Basílica Patriarcal com cotas, e tochas a cavallo: o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Gouvea, Mordomo Mór, e logo o coche, em que por modo de tumulo hia o caixão todo cuberto atè o chão de veludo preto franjado, pelo qual puxavão os urcos cubertos de luto, rodeando o mesmo caixão os Moços da Camera com tochas. Acompanhava-o o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Marialva, Estribeiro Mór, e logo se seguia o Capitão da Guarda Alemã D. Manoel de Sousa, e o coche de estado cuberto tambem de luto, e os soldados da guarda, que formavão duas grandes alas. Assim caminhavão todos com passo vagaroso por entre as que formavão os Ecclesiasticos, e Militares, sendo por todas as ruas innumeravel o povo, que saudoso, e sentido se achava vendo esta funestissima Procissão.

Chegou ella a S. Vicente de Fóra, aonde junto ao adro parou o coche, e logo os Officiaes da Casa Real quebrarão todos as suas insignias; e posto o caixão em hum esquife, em que, por especial privilegio concedido à Misericordia de Lisboa, pegou a sua Irmandade, foi conduzido à Igreja, onde o esperava a Religiosa, e numerosa Communnidade dos Reverendos Conegos Regrantes; e posto o caixão sobre huma eça no Cruzeiro, lhe fez o Eminentissimo, e Reverendissimo Senhor Cardinal Patriarca, acompanhado dos Excellentissimos Senhores Principaes, Monsenhores, e Ministros da Basílica Patriarcal, a Absolvição, depois da qual
con-

continuou a Communidade dos Reverendos Conegos Regrantes o Officio da sepultura ; e pegando no caixão os mesmos Senhores , que o conduzirão do Palacio para o coche , o levárão para outra eça , que estava na Capella Mór , aonde o Illustrissimo , e Excellentissimo Senhor Marquez Mor-dômo Mór o entregou com a sua chave ao Reverendo Padre Prior do dito Convento , jurando aos Santos Euangelhos sobre hum Missal fer aquelle o proprio corpo do muito alto , e muito poderoso Rey D. João V. o que assinou com todos os Grandes , que levárão o caixão , e com o Reverendo Padre Prior do mesmo Convento de S. Vicente de Fóra : e feita esta cerimonia , foi novamente conduzido o caixão para a Capella , onde se guardão os corpos das Pelloas Reaes , e collocado no primeiro lugar da parte do Euangelho , cubrindo-o com hum panno agaloado , e franjado de ouro , e pondo-lhe almofada , e coroa o Illustrissimo , e Excellentissimo Senhor Conde de Castello-Melhor , Reposteiro Mór.

Cesárão neste tempo as descargas , que davão os Regimentos , que estavam no terreiro de S. Vicente , e feito tudo o que em semelhante occasião se costuma , se acabou esta lúgubre acção pela huma hora depois da meya noite para o dia 4. de Agosto. Nos seguintes dias , tendo-se já publicado a 2. de Agosto o luto geral na fórma do estylo , se forão continuando as Missas , e Officios por S. Magestade Fidelissima ; e além das solemnes exequias , que estão feitas em diversas partes do Reino , se preparão outras com notavel apparatus , tudo

tudo suffragios devidos a hum Rey , que por suas acções famosas , governo pacifico , caridade geral , e mais virtudes , que nelle reluzião , se fez amavel , e acrédor da faudade de todos os seus vassallos.

No dia 8. de Agosto , e oitavo depois do falecimento do nosso Augusto Monarca , em demonstração de sentimento , na cerimonia de quebrar os escudos se observou o antigo costume do Reino. Para o que sabindo da Camera o nobilissimo Senado de Lisboa assistido do seu Presidente, o Illustrissimo , e Excellentissimo Senhor Conde de Oriolla , e Barão de Alvito , com os Cidadãos , e Ministros de vara da sua dependencia , todos em boa ordem , em duas alas , levavão no meyo trez Juizes dos Orfãos da repartição da Cidade , e seu termo , cada hum com seu escudo preto. Todos hião a pé vestidos de rigoroso luto com varas pretas , precedendo a este grande acompanhamento hum dos Procuradores da Cidade vestido de luto comprido , e montado em hum cavallo tambem cuberto de preto , levando ao hombro huma haste negra , de que pendia huma bandeira da mesma cor , tão comprida , que huma grande parte della arrastava pela terra ; e em trez tarimas , que estavão levantadas , e cubertas de luto , huma no Rocio junto às escadas do Hospital , outro na meyo da Rua Nova , e outra na praça da Santa Basilica Patriarcal , subindo a ellas por seu turno os ditos Juizes , disse cada hum em voz alta , e intelligivel estas palavras : *Choray Nobres ! Choray Povo ! que morreo o vosso Rey D. João V. de Portugal ;* e immediatamente quebrava cada hum o seu escudo , lançan-

do-o no chão , dando-se fim a este funebre acto com as mais formalidades , que nelle se praticão. E como o que está dito , me parece o que basta ,

Tambem eu , meu amigo , aqui paro ; porque contar tudo o que tem succedido a este intento não he do meu , que só foi dar a V. M. Relação fiel da feliz morte , e enterro do nosso Magnifico , e Fidelissimo Rey , cuja falta será sempre para todos de recordação faudosa ; e por dar fim a esta Relação , entro a pedir-lhe desculpe os erros desse *Desafogo* , que lhe remetto no *Soneto* , e *Epitafio* ; e supposto sey que este deve ser succinto , muito de proposito deixei correr mais a penna , ficando com a de não poder , pela brevidade do tempo , explanar melhor outros motivos , que fazem a nossa mágoa mais crescida. Dê-me V. M. lembranças aos amigos , communicando-lhe esse papel , e pedindo-lhe me encommendem a Deos , a quem nos meus sacrificios rogo por todos. Lisboa , 16. de Agosto de 1750.

De V. M.

Seu affectuoso servo , e muito obrigado

Dorotheo Quaresma.

DESAFOGO SAUDOSO

Na preciosa morte , e sentidissimo tranfito
do Fidelissimo, e Magnifico

REY DE PORTUGAL

D. JOÃO V.

SONETO.

Lamenta, ò PORTUGAL, a tua forte
Em te faltar hum Rey tão piedoso,
Tão fabio, tão prudente, e tão famoso,
Que haverá delle fama além da morte!

Conservou-te na paz com empenho forte:
Ministrou-te a Justiça cuidadoso:
Fez-te nos edificios magestoso:
E te deo nas sciencias novo norte.

Reformou teus abusos com destreza:
Augmentou-te em sagradas Dignidades:
Deo-te esmolas immensas com grandeza.

Dize pois recordando faudades:
Qual dos Reys, que servio tua Nobreza,
Com o QUINTO JOAM teve igualdades?

EPI-

EPITAFIO METRICO, E HISTORICO

por continuação do mesmo Desafogo.

I.

JAZ neste Monumento sepultado
Dos Monarcas o mais esclarecido,
Cujó Nome será eternizado
Para o louvor perenne merecido.
Foy este aquelle Rey, que proclamado
Pelo mór, que Lisboa vio nascido,
Soube dar brado grande em todo o mundo,
Por ser nas suas obras sem segundo.

II.

Jaz pois o Salomão da nossa idade,
Que em conservar a paz nos fez ditosos:
Co' outro Salomão tendo igualdade
Em consagrar a Deos Templos famosos.
Além de ter a grão felicidade
De ser croa dos Reys estudiosos,
Sendo a sua cabeça, toda ouro,
Das Artes, e sciencias hum thesouro.

III.

Jaz o *Quinto João* de tal esfera,
Que raros, ou nenhuns comprehendêrão;
E se os famosos Reys da antiga era
Nesta nossa idade florecêrão,
A todos este sabio normas dêra,
Com que seus vastos Reinos se regêrão;
Porque tinha sistemas tão profundos,
Que podia reger a muitos mundos.

IV.

IV.

Jaz o que em Justiça, e equidade
 Regeo em paz o Reino Lusitano,
 Sem por isso faltar à humanidade,
 Que com todos ter deve o Soberano.
 Antes, sem affectar severidade,
 Se inclinava mais a ser humano:
 Por isso, em quanto vivo, foy amado.
 E por esta causa hoje he lamentado.

V.

Jaz o que sempre deve ser chorado;
 Pois para todos he perda sentida:
 Os do Clero porèm no seu estado
 A falta chorarão da Real vida
 De hum Monarca, que foy sempre empenhado
 Em que a de todos fosse muy luzida;
 E porque exemplos dessem às idades,
 As rendas lhe augmentou, e as Dignidades.

VI.

Jaz o Rey, que devoto, e reverente
 Nos cultos de seu Deos, e de MARIA
 Soube fer, sem questão, tão eminente,
 Que comparar-se aos Santos bem podia:
 Antes allombro foy de toda a gente
 Nos grossos cabedaes, que despendia,
 Mostrando empenho tal, tão relevante,
 Que se póde chamar *sem semelhante*.

VII.

Jaz quem zelava a Fé, e a Christandade:
 O Fautor das Missões no Gentilismo:
 O que respeitar soube a santidade,
 E tirar do seu Reino o barbarismo,
 Nos empregos, que deo à mocidade,
 Para nella luzir o Christianismo;

Deixando meios bem instituidos,
Com que todos sahísem instruidos.

VIII.

Jaz o Rey, do seu povo o mais amante,
E de todo o seu Reino o mais amado,
Que, querendo mostrar amor constante,
Nas obras no lo deo qualificado:
Sendo no bem de todos vigilante
Em quarenta e trez annos de Reinado;
E tendo tal affecto a seus vassallos,
Que a vida expoz por não defamparillos. *

IX.

No an. de 1723. houve em Lisboa tão agudas doenças, a que chamavão da moda, que raros escapavão aos trez dias; e aconselhando os Medicos ao nosso Monarca que se retirasse da Corte, respondeo, não era de Rei piedoso o desamparar em semelhante occasião a seus vassallos; e se deixou ficar em Lisboa, mandando com generosa grandeza, e profusão acudir a todos com o que lhes era necessario para o seu remedio, e alimento.

Jaz dos pobres o Pay mais cuidadoso,
Co's enfermos o mais caritativo;
Pois acudindo a todos fervoroso,
Sem perder o carecter respectivo:
A huns dava esmolas grandioso,
A outros o remedio, e lenitivo
Nos novos Hospitales, que edificára
Com grandeza Real, e sempre rara.

X.

Jaz quem chegou a ter tal caridade,
Que a vivos, e mortos se estendia,
Sendo incrível a grande quantidade
De Missas, que no mez distribuia:
Edificando a toda a Christandade
Em dispender milhões nesta obra pia,
Com que lucrando a Igreja Triunfante,
Soccorria à Paciente, e Militante.

XI.

Jaz quem nos annos ultimos da vida
Espelho foy, qual Job, do soffrimento;
Pois apenas nas dores foy ouvida
A natureza em ay de sentimento:

E por

E por mais que esta fosse combatida,
Nunca dava final de ter tormento;
Antes com huma vontade sempre forte
Se poz nas mãos de Deos, e nas da morte.

XII.

Jaz em fim o que em todo seu Reinado,
Tantas acções obrou, tantas proezas,
Que deixará o mundo admirado
O que compendiar essas grandezas;
Que de todas fazer largo traslado,
Não será para pennas Portuguezas;
Pois de muitas, que obrava, nunca vistas,
Só poderão ser Anjos Annalistas.

XIII.

Este foy DOM JOAM, que na grandeza,
Na presença gentil, na Magestade,
Sabia distinguir-se entre a Nobreza
Nos concursos da mór publicidade.
Este, que foy da morte cruel preza,
Será a nossa eterna faudade;
Se bem que, para não ser desmedida,
Consolação deixou muito crescida

XIV.

Em JOSE', deste nome Rey primeiro,
Que o sceptro Portuguez sabio governa,
Pois sendo seu Retrato verdadeiro,
Intentos não terá de empreza externa,
Que não sejam regidos por inteiro
Pela prudencial norma Paterna:
Assim consolará todos de sorte,
Que do Pay se não finta tanto a morte.

XV.

Em JOSE', (e o repito em bom sentido)
Cuja rara sujeição, e lealdade,

Com

Com que foy a seus Pays sempre rendido,
Nos segura ver nelle com verdade
O espirito do Pay reproduzido
Em reger Portugal com equidade:
Antes já no principio do Reinado
Hum Monarca parece consummado.

XVI.

Viador, que isto lês, esta-me attento:
Por esta Urna não passes descuidado:
Leva deste Monarca o documento,
Que de tantas virtudes te tem dado;
Sendo a da caridade, e soffrimento
As que mais o inculcão sublimado,
E as que com huma morte preciosa
Lhe darião a vida mais ditosa.

XVII.

Se queres pois fazer-lhe companhia,
Imita-o nas virtudes apontadas;
E se a devoção santa de MARIA
Foy das que nos deixou recommendadas;
Pois por ella subsiste a Monarquia,
E do abyfimo as almas são livradas:
Larga já os teus vicios sem receyo,
E busca a salvação por este meyo.

XVIII.

Confessa tuas culpas com clareza,
Evita deste mundo a vaidade,
E recordando da morte a certeza,
De que escapar não pôde a Magestade,
Deixa de teus peccados a vileza,
E segura huma boa eternidade.
Olha que tens exemplo soberanô:
Toma deste Monarca o defengano.